

O ENSINO DE HISTÓRIA NO CONTEXTO DO ALUNO NOTURNO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ENSINO MÉDIO.

Bruna Feiden ¹
Hagatta Joana Lengowski da Silva ²
João Vitor Chaves Salvinski ³
Natália Vieira ⁴
Caroline Rippe de Mello Klein ⁵
Vinícius Fruscalso Maciel de Oliveira ⁶

INTRODUÇÃO

Ao observar as particularidades e dificuldades inerentes à prática docente em período noturno, este trabalho tem por objetivo narrar as experiências da formação inicial de professores, com enfoque na educação de jovens matriculados nesse contexto educativo. Essas constatações resultam do período de observação e regência realizados na escola estadual pública do município de Erechim/RS, a partir do Programa de Residência Pedagógica. O PRP atua na preparação de licenciandos para sua atuação profissional, possibilitando aos estudantes bolsistas e voluntários um contato direto com a cultura escolar de cada instituição, assim como permite a articulação entre os saberes teóricos e os contextos do ensino público.

É importante ressaltar as especificidades dos estudantes que frequentam o período noturno, uma vez que esses jovens são trabalhadores que passam o dia todo fora de casa, e que quando chegam na escola a noite já estão cansados, o que dificulta ainda mais o processo de aprendizagem. Fenômeno esse, já observado em outras produções acadêmicas, tal como problematizado por Gonçalves, Passos e Passos (2005), em que os pesquisadores nas suas observações partem da evidência de que, em qualquer sala de aula do período noturno são claramente observados os baixos índices de produtividade; os altos índices de desistência; a frequência irregular às aulas.

Fazer um estudo sobre a escola noturna é analisar todo um contexto de problemas sociais que aflige essa escola. É investigar como os alunos noturnos assumem posturas de estudo que se diferenciam da escola diurna, seus preceitos, seus objetivos enquanto cidadãos que não conseguiram concluir seus estudos na idade própria e na maioria provém das classes menos favorecidas que atuam desde cedo no mercado de

¹ Acadêmica do Curso de História – Licenciatura, oitava fase. Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – *Campus* Erechim. bruna.feiden@estudante.uffs.edu.br

² Acadêmica do Curso de História – Licenciatura, oitava fase. Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – *Campus* Erechim. gattajoana15@gmail.com

³ Acadêmico do Curso de História – Licenciatura, oitava fase. Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – *Campus* Erechim. joaovitorsalvinski@gmail.com

⁴ Acadêmica do Curso de História – Licenciatura, oitava fase. Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – *Campus* Erechim. natalia.mattos71@gmail.com

⁵ Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Orientadora. Prof.^(a) do Curso de História – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – *Campus* Erechim. caroline.klein@uffs.edu.br

⁶ Preceptor do PRP História. Escola Estadual de Ensino Médio Escola Sidney Guerra (Erechim). viniciusfruscalso@gmail.com

trabalho, seja no ambiente formal seja como subemprego para obter condições de sobrevivência. (SANTANA, FILHO, SANTANA, 2011)

Neste contexto, reconhecendo as dificuldades enfrentadas por esses alunos, surge o questionamento: Como ministrar as aulas? Como conciliar a realidade de modo com que possibilite aos estudantes o alcance das experiências metodológicas necessárias? Mesmo com todos os obstáculos e tensões percebidas, esse trabalho apresenta como reflexão a relação entre a formação inicial e os contextos escolares, marcados pela presença de jovens e professores. Mostrando como essa imersão inicial no período noturno, é desafiadora para o exercício do ofício do educador, que passa da etapa de discente para docente, vivenciando experiências que são apresentadas para os discentes apenas na teoria.

1 METODOLOGIA

O estudo possui um caráter empírico de abordagem qualitativa, baseado nas observações feitas durante o início do Programa na turma o qual está sendo realizada a regência. A partir desse período de análise exploratória da turma de Ensino Médio em questão, adequamos a melhor abordagem pensando na realidade que eles nos apresentam. Pautando principalmente em exposições e apresentações orais, com uso de mídias digitais.

Diante das dificuldades apontadas, durante os meses de observação que sucederam o período de regência, procurávamos alternativas metodológicas que fizessem sentido no contexto escolar em que estávamos inseridos e que despertassem o interesse dos estudantes. A forma que encontramos de desviar das longas aulas expositivas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E/OU DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Ao propor a ideia de um trabalho avaliativo diferente do tradicional, em que propusemos que os alunos trabalhassem em grupos, usando a criatividade em algo que foge ao que costumam fazer, para a elaboração de um jornal onde apresentariam notícias baseadas no último conteúdo ensinado, percebemos prontamente uma barreira na aceitação da atividade. A resistência e os argumentos contrários foram inúmeros e a tentativa de nos contrariar a todo custo se manteve durante todo o período que foi liberado para o planejamento. Mesmo sabendo que se tivéssemos trazido a ideia de uma prova descritiva a reação seria a mesma ou até pior isso nos abalou, pois havíamos planejado com muita dedicação pensando em algo que seria agradável a eles.

Outro questionamento que surgiu, também na intenção de nos contrariar, foi de que estamos insistindo em algo apresentado e não escrito. Algo muito simples de explicar a eles, afinal em uma turma onde qualquer atividade proposta eles pegam o celular para pesquisar qualquer assunto.

Mesmo com essa adversidade, os alunos começaram a organizar os grupos, surgindo novos desafios. Eles não aceitavam fazer grupos diferentes dos que trabalham sempre, e assim não ficariam com o número de participantes igual. Conversando com outros professores da escola nos relataram que com eles a situação não era diferente, os grupos sempre os mesmos, e conseqüentemente, se sobressaindo sempre os mesmos.

A atividade ainda não se encerrou, a apresentação será realizada na próxima aula e a avaliação será de forma individual, levando em consideração a dedicação de cada aluno. Esperamos que superem nossas expectativas e apresentem trabalhos excelentes, pois sabemos que eles possuem capacidade para entregar conteúdos muito bem elaborados.

Dessa forma, pudemos averiguar através do exemplo de uma simples atividade, o quão difícil pode ser a relação professor e aluno na proposição de novos desafios e atividades que sobressaem ao cotidiano dos estudantes. Percebemos isso, pois ao longo do tempo o ensino médio noturno tem conduzido uma cópia do que se faz no período diurno. Não tem, portanto, uma identidade própria (Togni e Carvalho, 2007). Dessa forma, pensar o ensino noturno leva os professores a criarem novas estratégias e abordagens de ensino a fim de promover uma educação digna àqueles alunos que possuem menos recursos (Carvalho, 1998). Com isso, a escola:

(...) representa um espaço social necessário à sua atualização cultural e socialização. É o espaço onde têm a oportunidade de se relacionarem com pessoas do seu meio social e de tentar planejar um outro modo de vida. A atividade profissional exercida parece ser um fator de motivação para a frequência à escola, entendida como local de socialização e descanso da rotina. Não se observa entre esses estudantes perspectivas de continuidade dos estudos. (OLIVEIRA, 1994, p. 96)

Dessa forma, o PRP nos possibilita de maneira calma e concisa observar como esses fenômenos ocorrem de maneira prática dentro da sala de aula e na escola noturna. Fomentando a formação docente ainda na graduação de maneira mais fluída e aperfeiçoada dos futuros professores.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao ingressar no Programa de Residência Pedagógica já imaginamos que alguns desafios estariam por vir pois, por mais que o programa acaba por equivaler as horas de nosso estágio obrigatório, os afazeres e a carga horária são maiores, a escolha das escolas não é por nossa conta e as turmas são uma surpresa a parte, muito diferentes das quais estávamos acostumados em experiências anteriores. Mas acreditamos que o que faz com que nos tornemos bons profissionais são os desafios que precisamos transpassar na área que pretendemos atuar.

Nos primeiros contatos com a turma do terceiro ano do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Médio Sidney Guerra já conseguimos perceber que aquela turma nos faria ir além nos planejamentos e ideias para prender a atenção deles quando chegasse a nossa vez, estávamos certos. No período de observação pudemos perceber que essa era a maior dificuldade quanto a eles, competir com o celular e todo entretenimento que as redes sociais podem ofertar, com as conversas paralelas que sempre trazem um assunto mais interessante que o da aula.

Ao longo do tempo vamos melhorando nossas técnicas, nossa postura perante os alunos e os demais professores e confiando mais em nossa própria capacidade e conhecimento. Todas as dificuldades que enfrentamos enriquecem nossa história, e tornam o caminho ainda mais bonito para que, daqui uns anos, seja possível olhar para trás e ver a nossa evolução.

CONCLUSÃO

Dessa maneira, é inevitável ressaltar as dificuldades vividas no cotidiano do ensino médio noturno, a cada nova aula um novo desafio que coloca a prova nossa forma de passar o conhecimento adiante para aqueles jovens que ali se encontram e que muitas vezes não estão naquele ambiente por escolha própria, mas por uma obrigação. Levando em conta a turma com a qual trabalhamos, a grande maioria não pretende continuar os estudos e nem sequer se inscreveu para o ENEM, o que se torna outra grande dificuldade, pois os mesmos já não tem mais motivação, e com o passar dos meses e a proximidade da formatura a dedicação e o empenho vão ficando para trás.

Claro que ouvir as conversas e as dúvidas sobre vestibular, faculdade e instituições dos alunos que pretendem continuar estudando motiva e nos faz sentir úteis em meio ao medo e a frustração de não estar sendo um bom profissional. De alguma maneira aquele entusiasmo pelo futuro faz sentir que estão colaborando de alguma maneira para que aqueles jovens tenham um futuro brilhante.

A docência é uma das experiências mais desafiadoras e encantadoras que alguém pode ter na vida, sentir que está contribuindo para o crescimento de alguém é um sentimento mágico, mas acreditamos que cada dia mais os professores universitários de cursos de licenciaturas precisam expor essas dificuldades e auxiliar os alunos para que saibam como lidar e como trabalhar com a realidade do ensino noturno, sobretudo em colégios de áreas mais periféricas.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, C.P. Alternativas para o trabalho pedagógico voltado ao ensino noturno. In: *Jornal Educação*, n. 47, ano IV, Curitiba: Secretaria Estadual de Educação, 1998.

GONÇALVES, Lia; PASSOS, Sara; PASSOS, Álvaro. Novos Rumos para o Ensino Médio Noturno - Como e por que fazer?. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.13, n.48, p. 345-360, jul./set. 2005

OLIVEIRA, Maria José Cassiano de. Trajetórias escolares de alunos trabalhadores do ensino médio noturno: o significado da volta à escola. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1994.

OLIVEIRA, Romualdo; SOUSA, Sandra. Ensino Médio noturno: democratização e diversidade. In: *Educar*. Curitiba, n. 30, p. 53-72, 2008.

TOGNI, Ana C.; CARVALHO, Marie J. S. A escola noturna de ensino médio no Brasil. In: *Revista Iberoamericana de Educación*, n.44, p. 61-76, 2007.